

JULIO CESAR LEAL

1550

---

# A Escrava Branca

DRAMA

EM

QUATRO ACTOS



PORTO ALEGRE  
TYPOGRAPHIA DA DEUTSCHE ZEITUNG  
RUA DO GENERAL CANADA N. 1

1883

## Personagens:

José Gregorio, brasileiro, 80 annos.

Martha, liberta, parda, 80 annos.

Lucio de Novaes, filho de José Gregorio.

Carlota, espoza de Lucio de Novaes.

Ignez, protagonista, escrava branca e filha de Martha.

Dr. Anselmo, medico.

Maria Lucia, desposada do Dr. Anselmo.

Dr. Silva, medico.

Procopio.

Barroso, negociante de escravos

José, creado, filho de Martha.

Um padre, convidados, creados, escravos etc.



---

**Actualidade.**

### Denominação dos actos:

- 1º — Surpresa e morte.
- 2º — Vizita inesperada.
- 3º — Venda da escrava.
- 4º — Cazamento impossivel.

# Ato I:

## Surpresa e morte.

Vista do interior da casa de José Gregorio. Meza de jantar no meio da sala com algumas iguarias.

### Scena I:

José Gregorio e depois José.

José Gregorio

(*assentado*). Estou ancioso pela chegada de Lucio. Querera elle ainda enganar-me? Ha dois annos que não o vejo! E' demasiado tempo, para um pai, tão longa ausencia de seu filho! E minha Ignez? Oh! como ha de estar linda essa menina! Que desejo tenho de vel-a! Minha pobre filha! como eu te amo! E' tão difficil occultar aos olhos do mundo a terna afeição de um pae, quanto é impossivel supplantar no coração — os primeiros amores da infancia. Que me importa a intolerancia da sociedade, se eu preso-a e estimo-a como filha?... Contarei hoje mesmo toda verdade ao meu Lucio. Saberá que Ignez é sua irmã! Ha de ficar surprehendido, sim, ha de espantar-se; porque nunca lhe fallei em tal: mas estou certo de que a estimará ainda mais. Eu conheço aquelle coração bondoso, amavel e bem-fasejo... (Pausa. Em voz alta). José! Vem cá, José. (Levanta-se).

José

(*entrando*). Meu senhor?

José Gregorio

Eu nunca fui teu senhor, José. Bem sabes quanto estimo a liberdade, essa liberdade celeste, tão vilmente refreada pela ignorancia e barbaria! Vou alforriar todos os meus escravos, porque o homem que é filho de Deus, não pode ser escravo do homem. E então, desde esse momento para mim o mais feliz da vida, os considerarei como irmãos e como amigos. E, demais, tu és o filho abençoado da minha querida Martha...

José

Ah! meu senhor! muito obrigado!

José Gregorio

Como está tua mãe? Passou melhor?

José

Penso que está melhor; ainda se acha na cama; dormio durante a noite e já não teve delirios. Todo seu encommodo são saudades que ella tem por minha irmã. Ha poucos instantes disse-me, que morreria de paixão, e se Ignez não viesse hoje.

José Gregorio

Lucio não tardará. O vapor deve ter chegado de Valença ás nove horas, mais ou menos. Ignez virá com elle, assim o creio.

Dize á tua mãe, que deve estar alegre e socegada. Não ha razão para desgostos; entretanto, desde hontem, vejo-a demasiadamente triste!

José

Meu senhor! Ha quinze annos que minha pobre mãe não vê sua filha, e ella cuida que... oh! meu Deus!... não me animo a dizer!...

José Gregorio

O que?

José

Diz-lhe o coração que não a verá mais!

José Gregorio

Oh! não penses nisto, José! Que razão terá Lucio para deixal-a ficar? Ha de trazel-a.

José

Assim espero, mas eu acho razão no que pensa minha mãe. Ha quinze annos que vossa-mercê entregou minha irmã Ignez á meu senhor Lucio, quando cazou e partio para o engenho. Durante todo esse tempo tem elle vindo muitas vezes á cidade e sempre acha um motivo para desculpar-se da falta de não trazer minha irmã! A ultima vez que veio (fazem já dois annos), nem sequer nella fallou!... entrou e sahio com a mesma brevidade, como que temendo que se lhe fizesse alguma pergunta! Eu bem o comprehendi!

— 8 —  
José Gregorio

Não ha nada. Vou explicar-te perfeitamente a razão porque Lucio não nos tem trazido Ignez: Lhe é encommo vir á cidade com a mulher e as tres filhinhas, a não trazer estas, deixa tambem tua irmã fazendo-lhes companhia. *(Ouve-se o rodar de um carro).*

José

*(approximando-se á janella).* Ahi parou um carro! *(Olha para fóra. Entrando).* E' o senhor Lucio! Oh! meu Deus!...

José Gregorio

Finalmente! parece-me que vou ter um momento de felicidade nos ultimos dias da existencia!

José

*(reparando, na janella).* E minha irmã?! Eu não a vejo! Oh! se acaso não viesse!...

José Gregorio

Será possivel?! Acalma-te, José, porque se tal acontecesse eu iria buscal-a ao engenho.

*(José sahe).*

## Scena II:

José Gregorio, depois Lucio, Carlota e José.

José Gregorio

*(assentando-se).* Pobre rapaz! Falla na irmã com tanto amor, como se a houvesse

visto e conhecido! E' a voz do sangue e do coração que o faz adoral-a e conserval-a sempre na memoria. Já lá vai adiante! Todo seu desejo é dar alviçaras á mãe, que tambem está anciosa por ver e abraçar a filha... Infeliz mulher! de pouco lhe tem valido a liberdade! sempre doente, sempre afflicta, passa os dias a chorar, sem que lhe possa ao certo descobrir a causa. Creio que desta vez terei de fazer-lhe a vontade. Lucio ahí está, confessar-lhe-hei a verdade, apresentar-lhe-hei meus filhos como seus irmãos, e tenho certeza de que ficará satisfeito. Sem duvida estará na cidade até o fim do mez... E' tempo bastante para dispor dos meus negocios e preparar-me para acompanhal-o. Sinto-me muito velho e acabado. Este clima já me é desfavoravel. No engenho é provavel que me dê melhor. Assim, terei resolvido as cousas perfeitamente e preparado um verdadeiro descanso para o ultimo quartel da vida.

*(Entrão Lucio, Carlota e José).*

Lucio .

*(abraçando J. G.)* Meu pae!...

Carlota

*(beijando-lhe a mão).* Como está, meu pae?

José Gregorio

*(abraçando os dois, no centro).* Oh! meus filhos!!...

Lucio

*(para José).* Adeus, José. Como estás?

Carlota

José, como está tua mãe? Onde está ella?

José

Minha mãe está muito doente.

José Gregorio

Lucio! não trouxeste Ignez?! E as meninas, porque não vierão?

Lucio

Ignez não veio. Deixei-a doente, mas acompanhada por minhas filhas e pela creada Maria.

José Gregorio

Não sabes quanto me encommoda esta noticia! Que fatal presentimento!... Meus filhos, vocês fizeram muito bem em procurar-me: pois já estou muito velho e tenho muita cousa a dizer-lhes e a pedir-lhes. Mas... estou realmente triste! Não me trouxeste Ignez!... O que tem ella?

Lucio

Uma febre paludósa.

Carlota

Ficou bem doente.

José Gregorio

Coitadinha! Tu deves saber o interesse que tenho por essa menina. Sempre que te escrevo peço-te noticias de Ignez; entretanto,

nunca mais me fallaste della em tuas cartas!  
Deste-lhe a sua carta de liberdade?

Lucio

*(á parte)*. Estou perdido! *(Para J. G.)*  
Dei-lhe, sim, senhor, assim que cheguei.

José Gregorio

Ficou muito contente, não?

Lucio

Oh! muito contente.

José Gregorio

Pobre Ignez! sua sorte devia ser melhor;  
mas todo tempo é bom para reparar um mal.

Lucio

Um mal?

Carlota

*(á parte)*. Um mal?! O que quererá elle  
dizer?

José Gregorio

Sim, um mal. Vocês não sahirão daqui,  
sem que eu lhes conte a minha curta e inte-  
ressante historia. Por agora vamos tratar do  
mais alto assumpto deste dia. Assentem-se e  
descancem. *(Para José)*. Vai dizer aos meus  
amigos que venhão cumprimentar ao senhor  
Lucio.

*(José sahe. Silencio por poucos momentos)*.

### Scena IIIª

Lucio, Carlota, José Gregorio, José, escravo Luiz  
e mais vinte escravos de ambos os  
sexos e idades, vestidos com simplicidade e aceio.

Escravos

(*entrando, alegres*). Viva meu senhor Lucio  
e minha senhora D. Carlota!

Lucio

Obrigado, meus amigos! Eu estimo que  
todos vocês estejam bons. A alegria de que  
se achão possuídos é uma prova bastante do  
quanto se julgão felizes na companhia de meu  
pai.

O escravo Luiz

Feliz, sim, meu senhor, muito feliz, muito  
contente! Meu senhor Gregorio é nosso pae!

Os outros escravos

E' verdade, é nosso pae.

José Gregorio

Não, Luiz, eu sou teu irmão e de todos  
os teus companheiros. Ninguém neste mundo  
é pae, porque só ha um pae, um creador, de  
quem somos todos filhos. Os homens são  
irmãos, sejam quaes forem as côres, os nasci-  
mentos e as posições. As descendencias, os

parentescos, servem apenas para a melhor harmonia social, para o bem estar das familias. Irmãos, sim, somos todos; e é porque penso assim, que reservei o dia de hoje, ao completar os meus oitenta annos, para dar esse nome á vocês todos. *(Vai á gavêta de um armario e traz vinte e uma cartas dobradas. Apresentando-as)*. Eis aqui a minha ultima vontade: Sejam todos felizes! *(Entrega á cada um a sua carta. Terminando)*. Estão livres! e forçoso é confessar, que já o ereis; porque nunca vos escravisei á barbaria. Agora sim, podeis dar parabens á vossa sorte; louvai á Deus; exultai em seu nome; porque eu não fiz outra cousa mais do que restituir-vos o que vos dera elle desde o berço, e só a inconsciencia dos homens vos poderia roubar! — a liberdade!

Lucio

Oh! coração grandiozo e magnanimo!

O escravo Luiz

*(chorando)*. Obrigado, meu senhor, obrigado! Eu lhe agradeço, por mim e em nome de todos estes companheiros... Deus lhe recompensará, e toda gente não esquecerá nunca este acto de tão grande caridade. *(Alto e muito alegre)*. Viva o Sr. José Gregorio!...

Todos os escravos

Viva!... *(Saheem nesta saudação)*.

## Scena IVª

José Gregorio, Lucio, Carlota e José.

José Gregorio

Grças, ó meu Deus! . . . Tenho realizado o mais ardente desejo de minha alma! Tenho restituído aos vossos filhos, escravizados pela barbara lei da tyrannia, a maior e a mais importante faculdade do espirito. São hoje livres, livres como vós os creastes, senhores da sua propria individualidade, e responsaveis unicos para comsigo mesmos, para comvosco e os homens. (*Para Lucio*). Oh! como é tão bello este espectaculo! Como é lindo e encantador o facto que acabaste de presenciar! . . . Se todos os senhores se compenetrassem do grande crime que praticão em terem debaixo do seu dominio — homens, irmãos, reduzidos á simples cousas, iguaes á quaesquor mercadorias, que se trocão, que se vendem . . ., e até que se destróem e aniquilão, estou certo, Lucio, de que elles si darião pressa em lhes conceder a liberdade! Mas, coitados! parece que não comprehendem a sua missão, ou pelo menos que não sabem o quanto vai de impossivel, immoral, ridiculo, ante-social e infame, nesse commercio miseravel! Oh! homens! potentados e senhores! o que significa o venderdes outros homens?! Significa — venderdes a intelligencia, o sentimento, a vontade, a consciencia . . .; venderdes, enfim, aquillo que

não se vende, que não se aliena, e que se conquista apenas pelo amor, pelo bem e pela caridade! E, como? Tenho visto e conhecido senhores mais atrasados moral e intellectualmente do que seus proprios escravos; senhores brutaes, selvagens e barbaros, que só de homem tem a forma! Não! não é possível que predomine sobre a terra tão execrando costume!... Só conheço um poder sobre os poderes; um senhor sobre os senhores; um direito sobre os direitos, e um soberano sobre todos os soberanos... E' o poder da razão; é o senhor pelas virtudes; é a força da vontade; é o direito da honra; é, finalmente, a soberania do sabio!...

Lucio

Muito bem, meu pai! Sempre admirei e applaudi tão nobres e elevados sentimentos.

José Gregorio

Esperem-me por alguns instantes. Eu já volto, meus filhos. (*Para José*). José, traz biscoutos e chá.

(*Sahem*).

## Scena V:

Lucio e Carlota.

(Carlota assenta-se e Lucio passeia ao longo da sala).

Lucio

(*parando*). Não tenho sido feliz, e toda a minha infelicidade devo á ti, Carlota!

Carlota

*(levantando-se)*. Sim, porque as prendas que levei para tua casa não são dignas de ti! Belleza, ouro e virtude não são dotes bastantes para saciar-te!... Acaso tenho culpa de não saberes respeitar a honestidade do casamento?! Não devias ser o primeiro a presar a honra d'essa escrava que te fôra confiada e tão recommendada por teu pai? O que julgas, então, que devia eu fazer vendo-me nivelada por ti, no seio de minha propria casa. á uma triste escrava, que viria a compartilhar em grande parte dos carinhos e afeições á que eu, somente eu tinha direito, como tua esposa?! Queixa-te de ti, Lucio: porque tu és o unico culpado da desgraça de Ignez.

Lucio

*(abstracção)*. Oh! que horrivel tortura!... Esta mulher leva-me ao extremo do soffrimento! Como sahirei deste supplicio?!... Meu pai tem o quer que seja a dizer-me sobre Ignez... O que lhe responderei? Fallo-hei sabedor da verdade? Confessar-lhe-hei que vendi essa menina para satisfazer os ciumes de minha mulher?!...

Carlota

*(com furor)*. Não! não lhe dirás isto! É uma calumnia!... Vendeste-a para lavaros a nodoca, para occultares o opprobrio e restabeleceres a honra de tua familia!...

Lucio

Senhora!!...

Carlota

Estás perplexo?! Não sabes o que deves fazer?! Pois bem! Tenho compaixão do teu estado, lamento-te; e para salvar-te do martyrio ajudar-te-hei a mentir.

Lucio

A mentir?! Oh! não, nunca! Se soubesses quanto me custou a responder-lhe ha pouco... Abomino a mentira, e quando ella parte de um filho para seu pai generoso, é um crime horrivel! A um pai bom e carinhoso nunca se falta a verdade.

Carlota

Não é tanto assim. Ha verdades que não se dizem, uma dellas é esta. Se disseres ao senhor José Gregório que vendeste Ignez, vel'o-has fulminado.

Lucio

Oh! sim! fulminado!... Assim o creio. Mas a situação é muito critica, e eu não terei de mentir uma só vez, mentirei muitas! Meu pai pretende ir á Valença, e então serei á seus olhos duas vezes criminoso!...

Carlota

Neste caso, sê franco: mas prepara-lhe o animo. Na sua idade as surpresas desta ordem são fataes.

Lucio

Bem o sei, e se arrependimentos matassem, eu seria agora o mais venturoso dos homens!

Carlota

E porque não previste semelhante situação?!

Lucio

Errei, é verdade; mas tu me obrigaste a praticar um crime!

Carlota

Estás enganado. Obriguei-te a emendares o erro. Tudo mais são consequencias do primeiro passo.

Lucio

Está bom, basta, senhora! basta! Não me faça perder o juizo!...

#### Scena IV:

Os mesmos, José Gregorio e José.

(José traz uma bandeja que põe sobre a meza).

José

(para Lucio, reparando). O que tem, meu senhor?! Acho-o tão pallido!

José Gregorio

(reparando). Chegaste fatigado, Lucio? Realmente acho-te agora abatido!

Lucio

Não tenho passado muito bem estes dias, meu pai.

Carlota

E' muito fraco. Enjoou muito na viagem.

José Gregorio

Espero que aqui gozarás saúde, se te demorares mais do que da vez passada. Olha, se ficares até o fim do mez eu te acompanharei ao engenho.

Carlota

(*a parte*). Mau!... Era o que elle previa.

Lucio

Teremos nisto muito prazer, meu pai. Quando quizer.

José

Está prompto o almoço. (*Assentão-se á meza*).

José Gregorio

Sirvão-se a gosto, meus filhos. Eu cá, pela manhã, não excedo de pão e chá! (*Servem-se. Silencio por poucos instantes*).

José Gregorio

(*continuando*). Vocês terão completado o meu contentamento hoje se me houvessem trazido Ignez. Não a vejo ha tanto tempo! Não foste meu amigo ainda desta vez Lucio!

E Martha?! Só lhe falta morrer de desgostos!  
(*Para José*). Não é assim, José? Tua mãe  
está muito afflicta?

José

Muito, muito afflicta. coitada de minha  
mãe!

José Gregorio

Sim, tem toda razão, porque é mãe, e  
quinze annos de auzencia de uma filha que se  
estima é quazi que uma eternidade de recor-  
dações e saudades!... Vejamos, pode ser que  
tudo se arranje. (*Para Lucio*). Lucio, é gráve  
a molestia de Ignez?

Lucio

A molestia não parece muito grave, toda-  
via deixei-a de cama.

José

De cama!...

José Gregorio

Oh! então é caso serio! E' preciso man-  
dar-lhe um médico, e isto se fará quanto  
antes... (*Pauza*). Meus filhos, não devo es-  
conder de vocês, por mais tempo, a razão do  
interesse que tomo por essa rapariga....  
Ignez é...

Lucio

(*erguendo-se tremulo*). Oh! meu pae!...  
acabe!... por Deús, acabe!...

José Gregorio

Sim . . . , não te admires, Lucio; não te espantes. . . Ignez é minha filha. . .

Lucio

(*assentando-se*). Minha irmã!! . . .

Carlota

(*a parte*). Oh! sua irma! Isto é horrível!

José Gregorio

Sim, tua irmã, e por isso merecedora da minha estima. Foi uma fraqueza desculpavel, desde que a tenho sabido cohonestar. Nunca tal cousa me passaria pela vontade, jamais praticaria esse erro, se não houvesse perdido tão cêdo minha presada mulher, tua mãe, que tanto te amava! Tenho uma resolução tomada. Ignez está liberta, deixo-lhe a minha terça e á seu irmão José, e tu te incumbirás de fazer-lhe um casamento feliz.

Nisto não serás lesado em cousa alguma; porque a fortuna que possues junta á que devo legar-te é bem vantajosa. (*Pausa*). Não me respondes nada, Lucio?

Lucio

Respeito sua vontade, meu pai, e applaudo-a como digna de um coração honrado e generoso.

José Gregorio

Libertei todos os nossos escravos, porque não posso acostumar-me com a barbara lei da

escravidão. O homem nasceu livre. Christo veio ao mundo pela liberdade, e sem liberdade não posso comprehender a completa remissão do genero humano. Se é homem, deve ser livre, e isto por força; porque Deus não podia ter feito um escravo á sua imagem e semelhança! Não entendes assim? Recebi de meus pais muitos captivos, amei-os sempre como irmãos, e por fim libertei-os como devia.

Lucio

*(a parte)*. E eu vendi!... Que supplicio, meu Deus!!

José Gregorio

*(continuando)*. Ainda mais. E' preciso que saibas, que todos aquelles que outr'ora forão meus escravos são hoje meus amigos. Se precisar delles, tê-l'os-hei á todos ao meu serviço. E acredita, Lucio, o homem que maior gloria poderá ter no Brazil, ha de ser o que descobrir um meio de emancipar os escravos, com toda brevidade. Sem a resolução deste grande problema social, sem o aniquilamento da negra cadeia do cativo, não se poderá jamais ter orgulho de ser brasileiro! Cem mil, um milhão de homens, não serão verdadeiramente livres em quanto houver um só agrilhoadado. A liberdade é uma condição immaculada, não quer conquistas por metade, quer a victoria completa. Não entendes assim, Lucio?

Lucio

Penso pela mesma forma, meu pai.

José Gregorio

Pois bem. Cuidemos já e já em mandar um medico ao engenho, para tratar de minha filha! e logo que estiver melhor, quero que venha vêr-me.

Carlota

*(a parte)*. Meu Deus!...

José Gregorio

*(continuando)*. Já estou muito velho, conheço que poucos annos mais terei de existencia, e não posso presentemente nutrir maior esperanza, que a de viver descansado e tranquillo na companhia de meus filhos... Era isto o que tinha a dizer-lhes... Tu não deixarás o engenho, bem te conheço; porém eu abandonarei a cidade e viveremos juntos...

Lucio

*(tremulo e erguendo-se)*. Meu bom pai!!...

José Gregorio

*(com espanto)*. Que?!... Não te agradou a proposta?! Estás tão pallido!... O que tens, Lucio?!

Lucio

*(dirigindo-se á José Gregorio)*. Perdão, meu pai!... perdão!...

Carlota

*(a parte)*. Tudo está perdido!...

José  
Meu Deus!... O que quer dizer isto?

José Gregorio  
(levantando-se). O que tens Lucio?! Falla!

Lucio  
(ajoelhando-se). Perdão, meu pai!... perdão!... Ignez ha treze annos que não está em nossa companhia!...

José Gregorio  
(deixando-se cair na cadeira). Ah!... desgraçado!... O que fizeste de tua irmã?!...

Lucio  
(ajoelhando-se). Vendi-a!...

José Gregorio  
Oh!!... (Desmaia. Lucio e José amparão-no).

José  
(chorando). Minha irmã!... minha pobre irmã, vendida!...

José Gregorio  
(tornando á si, depois de poucos instantes).  
(Surdina). Eis as consequencias da escravidão!  
E havia de ser eu uma das victimas!... (Chora).  
Eu, que sempre abominei o captiveiro e a bar-  
baria!... Oh! minha filha vendida!... Ven-

dida tua irmã!... Homem sem coração e sem alma! Que fatalidade, que horrível tortura para mim, meu Deus! Que desgraça horrível!... (*Abraçando José*). Abreviaste os meus dias, terminaste a minha existencia, pela venda de tua irmã! Oh! Ignez! Ignez! Minha filha! E Martha?!

(*Lucio encaminha-se á uma das portas lateraes*).

José Gregorio

(*continuando*). Oh! cala-te! cala-te! Não lhe digas nada! Não lhe tires por um instante a esperanza! Pobre velha! morreria tambem! (*Pausa*). Quizera que a sociedade inteira assistisse envergonhada a esta scena de familia! Quizera que os senhores, sedentos de fortuna e barbaros de despotismo presenciassem todos os effeitos da tyrannia, as consequencias de uma venda, os tristes resultados do illicito commercio de carne humana!... Que importa ser filha de uma escrava, se eu amava minha filha?! Sim, amava-a..., amo-a...; porque nascêo do meu sangue, vive da minha vida e participa do meu coração!... E porque a vendeste? (*Apertando-lhe e punho*).

(*Lucio, guarda silencio*).

José Gregorio

(*recostando-se*). Falla..., falla; porque eu sinto que morro!...

Lucio

(*apontando para Carlota*). Vendi-a para fazer a vontade de minha mulher!...

Carlota

*(erguendo-se)*. Oh! não! não fallas a verdade!  
Vendeste-a, porque ella era mãe de teu filho!

José Gregorio

Ah! Não posso mais!... sinto-me des-  
fallecido!... Parece que me falta a luz!...  
Será possível tamanho crime, meu Deus? Ignez!  
Ignez! Minha filha!... Adeus!... Eu te  
amaldiçôo, miseravel!

*(Lucio e José amparão-no)*.

José

*(com espanto)*. Ah! meu Deus! está morto!

Lucio

Morto!... Ceus! Que punição horrivel!

Carlota

*(apontando para José Gregorio)*. Eis a con-  
sequencia do teu crime!...

*(Cabe o panno)*.

## **Acto II:**

### **A visita inesperada.**

Vista da sala da casa do Dr. Anselmo, simplesmente mobiliada.  
Uma secretária defronte do sofá.

#### **Scena I:**

**Ignez e o Dr. Silva.**

(Ignez acha-se na sala espanando os trastes).

**Dr. Silva**

(*entrando*). Bom dia, minha senhora.

**Ignez**

Bom dia, meu senhor.

**Dr. Silva**

Está em casa o Dr. Anselmo?

**Ignez**

Não senhor!

**Dr. Silva**

Dá licença que lhe escreva um bilhete?

**Ignez**

Pois não?

(*Dr. Silva assenta-se á carteira e escreve por instantes.*)

Dr. Silva

*(entregando o escripto).* Faça o favor de entregar-lhe este bilhete logo que chegar. Eu voltarei em breve tempo.

Ignez

*(recebendo o bilhete).* Sim senhor!

Dr. Silva

*(com reparo).* V. Ex.<sup>a</sup> é parenta do Dr. Anselmo?!

Ignez

Porque pergunta, meu senhor?!

Dr. Silva

Porque muito se parece com elle.

Ignez

Oh! Devéras?!

Dr. Silva

Devéras, minha senhora. Qualquer pessoa descobrirá facilmente a semelhança. É' sua irmã, talvez...: mas agora lembro-me, que o meu amigo Anselmo não tem irmã.

Ignez

Não tem irmã?! Pois sabe d'isto?!

Dr. Silva

Sei, sim senhora; porque conheci sua mãe.

Ignez

Conheceu sua mãe!... Oh! meu senhor!  
será possível?!...

Dr. Silva

Conheci. Morreu ha poucos annos.

Ignez

Como se chamava, meu senhor?

Dr. Silva

Theodora.

Ignez

Theodora!... (*a parte*) Oh! meu Deus!  
não me falha o presentimento!... (*Para o Dr.  
Silva*). Pois Sr. Dr. V. S. enganou-se; não  
sou parenta do Sr. Dr. Anselmo.

Dr. Silva

(*a parte*) Ah! comprehendo!... (*Para  
Ignez*). Minha senhora, estimo que seja muito  
feliz...

Ignez

Obrigada, meu senhor.

(*Dr. Silva sahe.*)

## Scena IIª

Ignez (*só*).

Ignez, tirando um papel do seio.

Eis o meu talisman! Esta carta eu não  
posso apartar do coração. (*Lendo*). Ignez!

Recebi tua carta, em que me pedes noticias do nosso filho Anselmo. Continúa elle em companhia da boa Theodora, de quem já te fallei, a qual o estima em demasia. Anselmo está muito crescido, frequenta os estudos e tem muita intelligencia. Meu desejo é matricularlo na Academia de Medicina. Descança e crê que teu filho é feliz, porque eu velarei sempre por elle. — Teu amigo Lucio. (*Guardando a carta*). Theodora!... Anselmo!... Medico!... e elle se parece comigo!... Oh! meu Deus! dai-me um meio de saber se este homem de quem sou escrava, e a quem tanto amo, é o meu querido filho!... Mas porque devo eu duvidal-o?! Não me diz o coração que este homem participa do meu sangue; nasceu das minhas entranhas e é o filho de minha alma?!... Oh! é extraordinario!... E depois de tantos annos, e de o ter considerado perdido, passando de senhor a senhor; ser comprada por este homem!... sentir por elle um amor irresistivel...; mas um amor que não se explica! que se apossa de minha alma, do meu sangue e da minha vida!... Será este o amor de mãe?! Meu Deus! que situação esta minha!... E eu sou sua escrava!... E porque não havia eu de sel-o!... Sim, se se póde ser escrava n'este mundo deve ser-se de um captiveiro como este...; porque as mães são sempre escravas de seus filhos!... (*Chóra*).

### Scena III:

Ignez e o Dr. Anselmo.

Dr. Anselmo

(*entrando muito alegre.*) Ignez!... Ignez!...

Ignez

(*limpando os olhos.*) Meu fi... Ah!...  
meu senhor?!...

Dr. Anselmo

(*reparando.*) O que tens?! Estavas chorando?!

Ignez

Não, meu senhor; não tenho nada.

Dr. Anselmo

Não fallas a verdade. Bem vejo que choravas. O que tens, Ignez? O que significão estas lagrimas?

Ignez

Nada, meu senhor... Oh! nada!

Dr. Anselmo

\* Sempre assim. Está bom, vamos ao que importa. Vou dar-te uma noticia muito agradavel: Partecipo-te que sou amado por Maria, por essa menina encantadora de quem te fallo a todas as horas... Pedi-a em casamento, e com a protecção de Deus está tudo perfeitamente resolvido!

Ignez

(alegre). Muitos parabens! Que felicidade, meu senhor!...

Dr. Anselmo

Dizes bem. Que felicidade!... Maria é uma interessante menina. Asseguro-te que serás tratada maravilhosamente por ella. Escuta: Erão tres irmãs. As duas mais moças casaram muito cedo. São orphans. Maria móra só, e nunca aspirou o casamento, menos ainda por ambição ou interesse; sempre disse que desposaria por amor. Já vês que me ama. Logo que estivermos casados iremos á Valença...

Ignez

(interrompendo-o). A' Valença?!...

Dr. Anselmo

Sim, á Valença. Não te admires. Maria Lucia tem lá uma fazenda onde ha muito tempo não vai; desde mil oito centos cincoenta e cinco, quando morreram seus paes do cholera-morbus...

Ignez

Oh! ceos!... Será possivel?!... Que lembrança, meu senhor!...

Dr. Anselmo

Que!... O que tens?! Que pallidez é esta?!

Ignez

(*balbuciante*). Como se chamavão os paes de D. Maria?

Dr. Anselmo

Lucio de Novaes e Carlota.

Ignez

(*com espanto*). Lucio de Novaes!!... Oh! meu Deus!... (*Assenta-se desfallecida*).

Dr. Anselmo

O que quer isto dizer, Ignez?! Estou sobremodo admirado!...

Ignez

(*reanimando-se*). Oh! perdão, meu senhor, perdão!

Dr. Anselmo

Vamos, explica-te. O que significa o teu espanto? Que mysterio é este?!

Ignez

(*levantando-se*). Nada, meu senhor. Não ha nada. Não tenho passado hoje bem o dia. Quando vossa-mercê entrou ja eu estava incommodada.

Dr. Anselmo

Não deixei de reparar no teu estado, e tanto que não acreditei no que disseste. Mas vi, ultimamente, que a minha narração te causava uma extraordinaria inquietação até que ao pronunciar o nome de Lucio de Novaes,

teu espanto foi extremo! Conheceste o pai de Maria Lucia?

Ignez

Não, meu senhor. A esse nome prendem-se algumas recordações muito dolorosas da minha mocidade..., recordações essas, que se me tem avivado de hontem para cá...

Dr. Anselmo

Sim?! E não me tens dito nada! Pois olha, quero saber de tudo, exijo!... não por méra curiosidade, mas sim pelo desejo que tenho de vê-te satisfeita. Quem sabe?... Talvez que eu possa apagar da tua memoria tão dolorosas impressões... Falla!...

Ignez

(ajoelhando-se). Meu senhor! eu lhe agradeço tanta bondade, tantas provas de afeição, que a uma triste escrava não é dado merecer! Desculpe o meu atrevimento e acredite, por Deus que nos vê, que eu o amo!... Oh! eu o adoro, meu senhor!... adoro-o como se póde adorar a um filho carinhoso!... (Leva o lenço aos olhos). E' o quanto me basta para não ser desgraçada! Ao contrario, sou muito feliz... oh! muito! Mas consinta, meu senhor, por sua extrema bondade, que eu não lhe revele agora os dolorosos factos da minha vida passada. Um dia, e talvez não esteja longe, eu mesma virei publical-os... e então saberá meu senhor o motivo d'estas lagrimas que eu não tenho podida suffocar! (Levanta-se).

Dr. Anselmo

(pensativo). Infeliz!... (*Reparando no bilhete que Ignez tem na mão*). Que papel é este?

Ignez

(*entregando-o*). Um bilhete do Sr. Dr. Silva.

(*Batem fóra. Ignez sahe*).

### Scena IV:

Dr. Anselmo e o Dr. Silva.

Dr. Anselmo

(*lendo o bilhete para si*). Póde entrar.

Dr. Silva

(*entrando*). Ora, bons olhos o vejam, meu amigo!

Dr. Anselmo

Não sou tão difficil de ser encontrado.

Dr. Silva

Oh! ainda mais?!

Dr. Anselmo

Sabi a fazer uma visita e acabo de voltar n'este momento.

(*Assentão-se*).

Dr. Silva

Sei que passeiaste hoje de carro.

Dr. Anselmo

E' verdade. Fui a um chamado urgente. Bem sabes que nem sempre se tem disposição de andar a pé.

Dr. Silva

Ora dize-me: Desculpa a curiosidade. Quem é aquella senhora que ha pouco vi n'esta sala?

Dr. Anselmo

Senhora?! Aqui?!

Dr. Silva

Sim, aqui. Um pouco nutrida, formosa, de olhos grandes...

Dr. Anselmo

Ah!...

Dr. Silva

Ah! então sempre é verdade?...

Dr. Anselmo

Verdade, o que? Essa mulher é simplesmente minha escrava.

Dr. Silva

Tua escrava?! Pois aquella moça branca é tua escrava?!...

Dr. Anselmo

Não te admires. Ha milhares no Brazil d'aquella côr. E' lamentavel, não ha duvida; é triste, horrivel e abominavel!... mas o que

queres? Nós somos uns barbaros, Dr. Silva! Quando o Brazil envergonhar-se d'essa grande nódoa que o deshonra; quando o governo assumir o direito natural que o autorisa a de um só golpe terminar a escravatura e esmagar a tyrannia; então sim, poderemos fallar em liberdade. Mas, por enquanto, não. Compraremos a mulher, ainda mesmo assim como essa, na praça publica, em leilão!... Foi assim que eu a comprei! Coitada!... Condoí-me da sua sorte, e tenho resolvido libertal-a. E' uma excellente rapariga.

Dr. Silva

Ora esta!... E eu que dei-lhe tantas excellencias, meu amigo?!

Dr. Anselmo

Não se arrependa. As excellencias hoje vendem-se muito barato, Dr. Silva. Vendeu-as pelo custo. E eu serei capaz de apostar em como as escravas virtuosas, porque as ha, tem mais jús á esse titulo, do que muitas presumidas por ahí.

Dr. Silva

Longe estou de contestal-o. Vamos, porém, ao assumpto que me trouxe aqui.

Dr. Anselmo

Sou todo ouvidos.

Dr. Silva

Conheces a excellentissima senhora D. Maria Lucia de Novaes?

Dr. Anselmo

Oh! perfeitamente! Tenho visto essa senhora muitas vezes.

Dr. Silva

Fallaste-lhe?

Dr. Anselmo

Podera não!

Dr. Silva

Que tal a achaste?

Dr. Anselmo

E' um senhora formosa e bem prendada.

Dr. Silva

E' formosissima, meu amigo! Pois é por sua causa que te procuro.

Dr. Anselmo

Por sua causa?!...

Dr. Silva

Exactamente. Estou apaixonado pela encantadora Maria Lucia.

Dr. Anselmo

Sim?!... Pela encantadora Maria Lucia?!

Dr. Silva

(rindo-se). Não resta duvida, por ella, ou, se quizeres, pelos seus oitenta contos...

Dr. Anselmo

Ah! pelos seus oitenta contos!... Eu logo vi!... Mas, afinal, que diabo tenho eu com tudo isto?!

Dr. Silva

Já te explico. Conheço a bella Novaes passageiramente. Quero que me apresentes á ella.

Dr. Anselmo

*(levantando-se)*. Isto é impossivel.

Dr. Silva

Impossivel?! Então porque?

Dr. Anselmo

Porque?! Porque amo-a, e n'este momento acabo de pedir a sua mão!

Dr. Silva

*(erguendo-se)*. Que!... Estás gracejando, Anselmo?

Dr. Anselmo

Não. Fallo-te puramente a verdade. E se é que a conheces... *(Tira do bolso um retrato e mostra-lhe)*. Vê lá!...

Dr. Silva

*(tomando o chapéo)*. Perdão, Sr. Dr. Anselmo. Creio que posso dizer, que de hoje em diante estão rotas as nossas relações de amizade.

•

Dr. Anselmo

Não vejo razão para tanto, meu amigo.

Dr. Silva

Pois vejo eu, meu caro senhor: e é o quanto me basta.

Dr. Anselmo

Como quizer, Sr. Dr. Silva.

Dr. Silva

*(retrahindo-se).* Adeus, Sr. Dr. Anselmo.

*(O Dr. Anselmo cumprimenta-a, abaixando a cabeça).*

### SCENA Vª

Dr. Anselmo *(só)*.

E que tal?! Esta não esteve má! Que convite desastrado veio me fazer este tratante! Apaixonado pelos oitenta contos da minha futura esposa!... É interessante! Se outros não te passarem nas unhas, maganão!... E Maria Lucia que nunca me fallou d'este celebre conquistador de fortunas! Quer me parecer que faz como o caboclo! A memna não sabe ainda que presume mais este Adonis!... Triste papel! desgraçada posição! apaixonado pelo dote!... Parece incrível, que haja homens capazes de vilipendirem o mais puro sentimento d'alma, o sentimento do amor, hypothecando-o ao interesse do dinheiro!! Eis

aqui o verdadeiro abutre humano! Homem sedento de riqueza, que calca aos pés a beleza e a honra da mulher, não conhecendo virtudes sobre o ouro!... Miseravel!... E a sociedade está composta d'estes avarentos, idolatras das fortunas alheias; almas vis e baixas, para as quaes o bello, o ideal e o sublime resumem-se em algumas notas do thesouro!!... (*Assenta-se no sofá*). Vejamos se descanso por instantes. Estou realmente fatigado. (*Encosta a cabeça em uma almofada e adormece*).

(*Pausa por momentos.*)

## Scena VI:

Dr. Anselmo e Ignez.

(*Harmonia*).

(*Ignez entra vagarosamente e contempla risonha o Dr. Anselmo.*)

Ignez

Meu Deus! como é encantador! E' o retrato do pae! Meu filho! Oh! meu querido filho! (*Chóra*). Não posso conter estas lágrimas; sim, não posso! Minha afflicção é horrivel, porque só me é dada a liberdade de pronunciar o nome de filho ás escondidas do mundo! Se eu o revelasse, elle não o acreditaria, talvez! E depois, seria capaz de aborrecer-me, de abandonar-me; porque a sua posição é elevada, todos o estimão, o considerão

e respeito. E quando soubessem que o Dr. Anselmo é filho de uma escrava!... oh! meu Deus! dar-lhe-hião as costas, entregal-o-hião ao desprezo, e eu seria então a causa unica da sua queda e desgraça! Não! nem uma palavra! Cala-te, coração! Oh! não palpites! Alma! não sintas, minha alma! porque por amor d'elle tu deves abafar o teu amor! E o que mais devo eu desejar? Porventura não sou uma escrava feliz? Não sou escrava de meu filho?!... (*Ajoelha-se á cabeceira e toma escrupulosamente a mão do Dr. Anselmo*). Esta mão!... Oh! desgraçada que eu sou! é a mão de meu senhor! E a escrava deve dar graças a Deus por poder beijar a mão de seu filho. (*Beija-lhe a mão*). Meu Deus! como eu o amo!!...

### Scena VIIª

Os mesmos. Maria Lucia e Procopio.

(*Entrão quando Ignez pronuncia as ultimas palavras*).

Procopio

(*apontando para Ignez, e para Maria Lucia*).

E então? O que lhe dizia eu?

Maria Lucia

Ah! que realidade, meu Deus!...

Ignez

(*erguendo-se rapidamente*). Uma senhora?!

Maria Lucia

(*com império*). Quem és?...

Ignez

(*humilde*). Sou Ignez, minha senhora.

Maria Lucia

A escrava predilecta do Sr. Dr. Anselmo, não é assim?!

Ignez

Sim, minha senhora.

Procopio

(*á parte, sorvendo uma pitada*). E' bonita!... O Dr. não tem máo gosto!

Maria Lucia

E desde quando as escravas se ajoelhão á cabeceira do leito de seus senhores?!

Ignez

Desde que seus senhores são tão bons e tão honrados, que uma donzella como a Sra. dá-se o incommodo de visita-los por surpresa.

Maria Lucia

Insolente! Sabes acaso quem sou?

Ignez

E' minha senhora D. Maria Lucia de Novaes, futura esposa de meu senhor Dr. Anselmo. (*Anselmo accorda e vendo Maria Lucia levanta-se logo*).

Dr. Anselmo

Oh! Maria!... Por aqui?! (*Dá-lhe a mão a apertar*).

Maria Lucia

Não se dê ao trabalho, Sr. Dr.... Eu não posso apertar a mão de um cavalheiro, que acaba de ser beijada por sua escrava!

Dr. Anselmo

Que?! Não te comprehendo! (*Para Procopio*) O que quer isto dizer, Sr. Procopio?! (*Para Ignez*) Ignez, o que significão estas palavras?!...

Procopio

Ella o dirá!... ella o dirá...

Ignez

Perdão, meu senhor! perdão!... Eu aproveitava o sonho de meu fi... de meu senhor... e de joelhos...

Maria Lucia

(*com imperio*). Retira-te!...

Procopio

(*á parte*). Ora esta!... aproveitava o somno!... Não está má!...

(*Ignez retira-se e fica de espreita em uma das portas lateraes*).

Maria Lucia

(*prosequindo*). Não sei, senhor, o que mais

admire; se o atrevimento de sua escrava, ou se a sua fingida e bem estudada surpresa!

### Scena VIII:

Os mesmos, menos Iñez.

Dr. Anselmo

María! tudo isto para mim é um mysterio! Parece-me que estou sonhando!... (*Reparando*). Estás de luto?! O que quer isto dizer?!...

María Lucia

Quer dizer, Sr. Dr. Anselmo, que estou viuva.

Procopio

Viuva!... Ora esta!

Dr. Anselmo

(*ao mesmo tempo*). Viuva?! Oh! não comprehendo!

María Lucia

Não se admire, porque não ha perda mais sensivel ao coração da mulher, do que seja a do seu primeiro e mais almejado amor! Amava-o muito, Sr. Dr.; já lhe pertencia pelo pensamento e pela vontade! O Sr. menospresou este amor! Que digo eu?! Ridicularisou-o! O Sr. morreu para mim!...

Procopio

Muito bem! Foi esta a que sahio ao

— 46 —

avô!... Ah! meu amigo! se o Sr. conhecesse o fallecido José Gregorio! Que homem! Que força de imaginação!

Dr. Anselmo

(*com affecto*). Maria!... Qualquer que seja a razão que tenhas para fallar-me assim, oh! acredita, sou innocente. Conheço toda a sinceridade do teu amôr, e amo-te pela mesma forma. E's o meu primeiro affecto, o meu constante pensamento, o meu unico e verdadeiro amor! Eu ridicularisar-te?! Oh! que horrível suspeita!

Maria Lucia

Não é suspeita, Sr.; é a realidade?

Procopio

Sim, sim; suspeita não é... Aquelle quadro!

Dr. Anselmo

A realidade!... Prova-o!

Maria Lucia

(*entregando-lhe uma carta*). Eis aqui a prova.

Procopio

(*sorvendo uma pitada, e a parte*). Temos trovoada!... Por esta não esperava elle!

Dr. Anselmo

(*lendo*). „Pessoa que a estima devéras,

sabendo do amor que V. Ex. dedica ao Dr. Anselmo, apressa-se a fazer uma importante declaração: O Dr. Anselmo foi creado por Theodora, mulher a quem elle sempre deu o nome de mãe; mas que não o era. Sua verdadeira mãe, foi e ainda é captiva. (*Interrompendo a leitura*). Captiva! minha mãe?! Oh! infames! (*Proseguindo*). „Tem o Dr. Anselmo em sua companhia uma escrava branca, idolatra-a, faz-lhe elogios e não lhe nota defeitos!... Lembre-se V. Ex. do que aconteceu a seus paes, procure evitar este enlace que a fará desgraçada!... Salve-se!...“ (*Para Maria Lucia*) Isto é uma infamia!... Não se póde ser mais miseravel!... (*Entrega a carta*). De quem é esta carta, senhora?!... (*Para Procopio*). O Sr. Procopio sabe quem é o autor d'estas calumnias?!

Procopio

Não sei de nada, Sr.; não sei de nada! A senhora pedio-m'a apenas, que a acompanhasse até aqui...

Maria Lucia

Defenda-se, Sr. Dr. Anselmo, é o que lhe cumpre fazer. Depois do que acabei de presenciar, ser-lhe-ha bem difficil justificar-se!

Dr. Anselmo

Já disse, isto é uma infamia, é uma calúnia!... Ignez é uma boa escrava, humilde e cumpridora de seus deveres. Tem-me affei-

ção, não o négo; mas não ha n'isso o menor vislumbre de paixão. Não tenho indole para possuir escravos. O tratamento que dei a esta infeliz é seguramente superior ao que compete aos da sua classe: d'ahi nasce, talvez, a amizade que me tem: juro-te, se tanto o exigires...

Maria Lucia

Ainda assim, não o acreditaria. Nada mais desejo saber sobre esta mulher, odeio-a!... E' uma escrava insolente e atrevida!...

Dr. Anselmo

(com brandura). Maria!...

Maria Lucia

O Sr. prefere o seu amor ao meu! Procurando o casamento, eu buscava a felicidade, que, entretanto, não me pôde ser dada! Era o que tinha a dizer-lhe, Sr. Dr. Anselmo. Desculpe o incommodo que lhe dei. Posso e devo assegurar-lhe, que as mulheres como eu, amão sómente uma vez, e quando são infelizes n'esse amor nunca mais aspirão outro.

Procopio

Eu tambem fui assim. Exactamente assim!

Dr. Anselmo

Maria! não me abandones, pelo amor de Deus! Se me desprezares, morrerei, sem duvida: porque amo-te com todas as forças de

minha alma. Minha vida está compromettida n'este amor!... Dize o que queres que eu faça para provar-te que Ignez é simplesmente minha escrava, dize, que tudo farei; mas não me condemnes á morte sem motivo e justiça!

Maria Lucia

Pois bem, Sr. Dr. Anselmo, só ficarei satisfeita se vender essa escrava; mas ha de ser para fóra da barra... Aceita a proposta?

Procopio

E' razoavel, Sr. Dr. Uma proposta muito boa! (*Sorvendo rapé*).

Dr. Anselmo.

Que supplicio, meu Deus!

Maria Lucia

A culpa é toda sua.

Dr. Anselmo

Maria!... Pelas cinzas de teus paes, poupa-me esta ingratição!... Eu seria o mais cruel de todos os senhores, se tal fizesse!

Maria Lucia

Então, não a venderá?

Dr. Anselmo

Não. Dar-lhe-hei a liberdade.

Maria Lucia

Não quero. Exijo que a venda!

## Scena IX:

Os mesmos e Ignez.

(Ignez entra apressadamente e chorando).

Ignez

(ajoelhando-se aos pés do Dr. Anselmo). Meu senhor!... eu lhe peço; eu lhe supplico, pelo amor de Deus! faça a vontade de minha senhora!...

Dr. Anselmo

Oh! Ignez!... tu sabes bem o que me pedes, mulher?!... Pois sim, tu queres... Maria o exige... Mas, ah!... eu não posso! Vender-te?! oh! não, não posso!... é um sacrificio penoso! é um martyrio de morte! E porque? saberei eu acaso porque?! Oh! porque havião de collocar-me n'este transe tão horrivel?!... Não! é impossivel vender-te!... (Chóra).

Maria Lucia

Impossivel! Ah! comprehendo tudo! Ingrato e desleal! Devias ter poupado o meu socêgo, quando não tinhas livre o coração!...

Ignez

(levantando-se, para Maria Lucia). Descance, minha senhora: hade ser feita a sua vontade.

Dr. Anselmo

Mas isto é uma crueldade que me impõem! é uma exigencia superior ás minhas forças! é uma injustiça, finalmente!... Oh! não!... nunca!...

Maria Lucia

(*com força*). Pois, nem mais uma palavra, Sr. Dr.; enquanto eu fujo para evitar o contacto de um homem, que troca a honesta affeição de uma mulher decente, pelas illicitas paixões de sua escrava!...

Procopio

Eu tambem não fico aqui! Arre!

(*Sahem*).

### Scena X:

Dr. Anselmo e Ignez.

Dr. Anselmo

(*assentando-se, com desespero*). Oh! meu Deus! Quanto sou desgraçado!

Ignez

(*ajoelhando-se com a frente para os espectadores*). Não!... nunca!... Obrigada, meu Deus!...

(*Cabe o partho*).

## Acto III.

### A venda da escrava.

Sala da casa de Maria Lucia, ricamente mobiliada.

#### Scena I.

Dr. Anselmo (só).

Dr. Anselmo

(*entrando*). Que novo supplicio será este, que me está reservado?! Maria Lucia quer fallar-me, tem negocio urgente a expôr-me e pede-me que a procure em sua casa!... Semeilhante convite, depois do que se passou entre nós surprende-me e deixa-me perplexo!... Se me fosse possível adivinhar o de que se trata?... Será ainda de Ignez?! Quererá ella expôr-me de novo á mesma scena de tormentos de que fui victima innocente? Estará justificada da injustiça que me fez? Quererá pedir-me perdão das faltas que attribuiu-me? Oh! que se eu pudesse adivinhar!... Mas o laconismo do seu bilhete assusta-me deveras! (*Tira do bolso o bilhete e lê*). „Preciso fallar ao Dr. Anselmo, hoje, as quatro horas da tarde, sobre negocio urgente.“ (*Assenta-se*). E' embalde que conjecturo! só a sua presença me

explicará tudo. Não resta duvida, porém, que devia ter feito um esforço immenso para despresar-me! Ainda assim, talvez, não lhe seja possível. Em materia de amor devo julgar por mim. Todavia parece-me que lhe farei todas as vontades, menos a que me impoz. Vender Ignez e para fóra da barra, isto não lhe faço eu: não posso, é um sacrificio horrivel!

## Scena II:

Dr. Anselmo e Maria Lucia.

(Maria Lucia entra de luto e com os cabellos soltos).

Maria Lucia

Senhor Dr. Anselmo, desculpe fazel-o esperar. . .

Dr. Anselmo

(*levantando-se*). Oh! Maria! Eu serei sempre o mesmo para contigo. Amei-te, amo-te e amar-te-hei sempre.

Maria Lucia

\* Isto é bem difficil de ser provado. E' um problema a resolver.

Dr. Anselmo

Será para ti, que não me comprehendes; que descrês da minha palavra, e escarneces do meu primeiro, unico e verdadeiro amor!

Maria Lucia

*(rinda-se)*. Primeiro, unico e verdadeiro amor!... Permittisse Deus que assim fosse! Eu não estaria hoje de luto, e o Sr. ficaria isento de lastimar a sorte de uma escrava por quem se decidiu de preferencia!...

Dr. Anselmo

Está bom. Vejo que me é impossivel convencer-te da verdade, recuso-me, portanto, a emprehendel-o. Deus se encarregará de fazel-o. Fui chamado por este bilhete, aqui estou.

Maria Lucia

Assentemo-nos.

*(Assentão-se)*.

Maria Lucia

*(continuando)*. O muito amor que ainda lhe tenho força-me a tentar um ultimo recurso para obter sua affeição como sempre a imaginei, pura e verdadeira. *(Tira uma carta do bolso do vestido e entrega-lhe)*. Leia esta carta. E' de sua escrava Ignez.

Dr. Anselmo

*(lendo)*. „Minha senhora dona Maria Lucia. Perdõe-me, pelo amor de Deus! Bem sei que não é muito facil achar uma explicação para o meu procedimento. Uma escrava nunca tem razão de amar seu senhor, ainda que esse

amor seja como o meu, puro e innocente; porque uma escrava não deve sentir! O mesmo ferrête da ignominia que a amaldiçôa na sociedade, deve comprimir-lhe o coração até a morte de todos os sentimentos d'alma! Ha uma razão, que só Deus sabe, pela qual tenho a meu senhor uma affeição que a propria natureza me arranca nos momentos como aquelle em que fui encontrada de joelhes á cabeceira do seu leito... mas, juro-lhe, minha senhora, por Deus, que é nosso pai commum, que entre mim e meu senhor não ha senão a estima propria de senhores generosos e escravos agradecidos. Não abandone meu senhor, pelo amor de Deus; porque eu temo vel-o morrer de afflicção! Tente, minha senhora, faça mais um esforço e diga-lhe, que eu me sujeito a ser vendida: mas abrande tambem a pena que me quer impor, consinta que eu não saia desta provincia. — Sua escrava — Ignez.“ (*Entregando-lhe a carta*). Pobre mulher! Fallou sómente a verdade! E que sentimentos te produziram taes palavras?

#### Maria Lucia

Confesso que tive pena desta infeliz; mas suas palavras repassadas de sentimento e humildade não me poderam enganar. Não creio nessa affeição original e mysteriosa! Isto é muito sublime de mais para uma escrava! Entretanto, desejo fazer-lhe o que me pede. Está disposto á vendel-a, Sr. Dr.? (*O Dr. Anselmo passcia silencioso*).

Maria Lucia

(*prosequindo*). Vacilla, bem vejo! E diz que me ama, Dr. Anselmo!

Dr. Anselmo

(*A' parte*). Continua o supplicio!... (*Para Maria Lucia*). Maria, não sei o que me diz o coração; mas sinto o quer que seja de extraordinario a respeito desta mulher!... Acredita que lhe devo tantos favores, que não posso e nem devo sacrificar-a a qualquer captiveiro deshumano. Já te disse, dar-lhe-hei a liberdade, e isto farei no auge do maior contentamento.

Maria Lucia

Podéra não; mas não me serve este alvitre, meu amigo. Essa affeição mysteriosa de sua escrava Ignez, eu só a traduzo, Sr. Dr., por um amor profundo! Que importa que ella seja escrava?! Ella é sensivel, e o amor não escolhe condições; é partilha necessaria dos corações bem formados! E quando o amor é assim, quem poderá impedil-o?!... Ignez achasse aqui...

Dr. Anselmo

(*interrompendo-a*). Aqui?!...

Maria Lucia

Sim, aqui, em minha casa. Ella acompanhou-o, Sr. Dr. Ahi está tambem o comprador, só me faltã a sua resolução...

Dr. Anselmo

E' extraordinario!! E foi para dizeres tanto que me mandaste chamar?!

Maria Lucia

*(com desdem)*. Somente, Sr.: mas, visto que não me quer attender, acho que perdemos nesse tempo... póde retirar-se... Estimo que seja muito feliz!...

*(Comprimenta-o e retira-se)*.

Dr. Anselmo

Maria!... Maria!... Pobre mulher! Victima de uma illusão, de uma intriga, de uma infamia!... Mas eu hei de descobrir os autores d'esta trama, e então, miseraveis, vingar-me-hei na altura dos soffrimentos que hei tido!... Vejo que me é impossivel convence-la!... E o que fazer? Nada! Não ha meios de persuadil-a! Paciencia... Um dia ha de convencer-se da verdade! *(Toma o chapéo, encaminha-se á porta de sahida, pára escutando e volta instantes depois)*.

Dr. Anselmo

*(continuando)*. Alguem sóbe! Quem será?... *(Vai de novo á porta e volta)*. Esta voz!... Oh! parece-me a do Dr. Silva!... Vejamos... *(Occulta-se em um dos quartos lateraes á espreita)*.

## Scena IV?

Dr. Silva e Procopio (Anselmo á parte).

Procopio

(*entrando*). Eu bem lhe disse, Dr., que a Maria Lucia é uma menina de enchermão! Aquillo é que é juizo, homem! Nada a obrigaria n'este mundo a desposar um homem, que não se respeita e se degrada...

Dr. Anselmo

(*á parte*). Oh!!...

Procopio

(*continuando*). Ella tem muito frescos na memoria os exemplos que se derão com a mãe, minha defuncta comadre, a quem Deus haja! Essa virtuosa senhora esteve a ponto de suicidar-se por causa de uma escrava a quem o marido tributou, por longos annos, amores peccaminosos!

Dr. Silva

Já me tens fallado n'isso; mas eu ainda não creio que a senhora Novaes tenha desmanchado o casamento.

Procopio

Oh! o senhor é um homem de pouca fé. Tanto não exigio S. Thomé para crér! Póde jurar, que desmanchou. Sou capaz de apostar

em como o tal doutorzinho das duzias, a esta hora, está mettido em calças pardas! Só eu, meu amigo, preparei-lhe uma cama!... (*tomando uma pitada*).

Dr. Anselmo

(*á parte*). Ah!... miseravel!...

Dr. Silva

Eu faço ideia! O senhor é um perfeito diplomata; tem mesmo ares de ministro plenipotenciario... Argumenta com tanta força!...

Procopio

Ah! já vejo que me conhece! Definio-me perfeitamente! Sim, senhor! Ahi é que está a cousa..., é na logica, meu amigo, é na logica!... Olhe que a ultima carta que lhe mandei foi uma nota formidavel!

Dr. Anselmo

(*á parte*). E foi sua aquella carta! Oh! que descoberta!...

Dr. Silva

Livre-se de que o Dr. Anselmo o saiba. Se elle tiver conhecimento d'isto!...

Procopio

Ora, meu amigo; nem lhe passe pela cabeça semelhante cousa! Fique certo de que o diabo sabe bem como as prepara! Os meus negocios são sempre feitos com todo o sigillo

necessario. (*Sorrendo outra pitada*). Um confessorio não me ganha!... Parece-me que já lhe disse, que tenho uns motivos particulares para ser seu protector n'esta conquista. Quero provar-lhe a minha amizade... e depois...

Dr. Silva

E depois?...

Procopio

(*rindo-se*). Isto agora é um segredo muito grande! Quando o negocio estiver concluido, conversaremos á larga.

Dr. Silva

O momento se approxima! Sinto-me acanhado!... Parece-me que não terei animo para confessar-lhe o meu amor!

Dr. Anselmo

(*á parte*). O seu amor! Miseravel!

Procopio

Que?! Não faça tal, Sr. Dr.! Estes negocios são muito sérios! Veja lá se me quer deixar com cara de asno! Havia de ser engraçado, se me visse agora constrangido em negocio de tamanha gravidade! Não me comprometta. Apresente-se, apresente-se... diga lá o que quizer á rapariga; porém diga-lhe sempre alguma coisa! Faça sua confissão em termos habeis... Olhe, manifeste-se assim:

Minha senhora! Desde o momento feliz em que tive a satisfação de vêr V. Ex. . . . (Para o Dr. Silva). Onde foi que a viu?

Dr. Silva

Na janella.

Procopio

Pois sim. Desde o feliz momento em que tive a satisfação de vêr V. Ex. na janella, que sinto abrasado o coração no divino fogo do amor! Amo-a! adoro-a! e para cumulo da minha felicidade venho pedir-lhe a sua mão! . . . E vá segurando-lhe na mão; deixe-se de acanhamentos.

Dr. Silva

(rindo-se). Muito bem, Sr. Procopio! muito bem!

Procopio

Pzio! Silencio, que ella ahi vem.

### Scena V.

Os mesmos e Maria Lucia.

(Maria Lucia vem com o mesmo traje).

Maria Lucia

Meus senhores! Desculpem fazel-os esperar por tanto tempo.

Procopio

*(apertando-lhe a mão).* Ora! essa é boa! Aqui apresento á V. Ex. o meu particular amigo, Dr. Silva, de quem tão boas auzencias tenho feito.

Maria Lucia

*(dando a mão a apertar ao Dr.).* Sr. Dr. Silva! Já nos conheciamos. Creio que tive occasião de vel-o pela primeira vez, em casa do Sr. Procopio.

Procopio

Sim?! Pois não foi na janella?

Maria Lucia

Como?... na janella?!...

Dr. Silva

Exactamente, minha senhora. V. Ex. como tem passado?

Maria Lucia

Muito bem. Fação o favor de assentar-se.  
*(Assentão-se).*

Procopio

*(sorcendo uma pitada).* Então, D. Maria, já está restabelecida dos seus incommodos? Acho-a agora um' pouco mais gorda, quero dizer, mais nutrida.

Maria Lucia

Completamente restabelecida. Aquelle negocio de que tratámos está inteiramente desmanchado.

Dr. Silva

(*á parte*). Oh! que importante noticia!...

Procopio

Não sabe quanto estimo. Deve comprehender, que fui sempre o mais fiel companheiro de seu pai. . . .

Maria Lucia

Agradeço as informações que me deu. Ellas forão-me muito uteis.

Procopio

Oh! podéra não! A senhora tem um juizo! Não lhe ganhá um deputado, minha senhora! (*Toma outra pitada*). Eu lhe digo: As primeiras desavenças que o Sr. Lucio de Novaes, a quem Deus haja na sua santa gloria, teve com a Sra. D. Carlota, desavenças que lhe forão tão funestas, e o fizerão soffrer crueis desgostos, procederam de uma escrava a quem consagrou illicitos e peccaminosos amores! Sua mãe, alma grande e generosa, esteve em termos de desquitar-se, e possuida de zelos e ciumes, converteu a paz e a felicidade do lar em um inferno de martyrios! D'essas lutas de familias originou-se a morte de seu avô, o meu bom amigo José Gregorio,

que lá no céu descança. N'esse tempo a senhora já tinha idade de comprehender bem as cousas... (*Sorve outra pitada*).

Maria Lucia

N'estas occasiões tenho por costume proceder segundo as vozes de minha consciencia. Eu amava-o, porém..... (*Leva o lenço aos olhos*).

Dr. Silva

Porém não era correspondida. Desculpe V. Ex. se me intrometto em tão delicado assumpto.

Procopio

Oh! por certo que não. Qual correspondida! Póde-se lá crer no amor de um homem que tudo sacrifica por uma triste escrava?

Dr. Anselmo

(*á parte*). Oh! é demais! Que infame!

Maria Lucia

Nem tanto, Sr. Procopio! Ha de fazer-me o favor de não fallar na pessoa do Sr. Dr. Anselmo, de hoje em diante, em minha casa. Elle é tão senhor da sua vontade, quanto eu. Dispusemos livremente do nosso amor. Eu fui mais infeliz, ainda assim não me julgo autorisada a censural-o.

Dr. Silva

Entretanto, minha senhora, alguem exis

que ama-a, que idolatra-a, no maior segredo, e vive soffrendo terriveis tormentos por não poder confessal-o!

Maria Lucia

De véras?! Não é gracejo, Sr. Dr?!

*(Procopio toma uma grande pitada. O Dr. Anselmo, no quarto, mostra na physionomia e nos gestos, a cada passo, as emoções do seu espirito, e por diversas vezes parece querer sahir).*

Dr. Silva

Vejo que V. Ex. comprehendeu-me completamente!

Procopio

*(á parte).* Podéra não.

Maria Lucia

Póde continuar, Sr. Dr. Em taes occasiões eu tenho por costume ouvir tudo o que pretendão dizer-mê.

Dr. Silva

Animado pelo proprio sentimento, tão verdadeiro quanto profundo, e ainda mais pelas delicadas expressões de V. Ex., confesso que ha muito tempo idolatro-a, fazendo consistir a felicidade da minha vida na consoladora esperanza de ser um dia feliz.

Procopio

*(á parte).* Muito bem! Que eloquencia!

— 66 —

Maria Lucia

O Sr. sabia que eu estava para casar?

Dr. Silva

Ouvi dizer, minha senhora.

Maria Lucia

Ah! já se falla n'isso?! Quem lhe disse?

Dr. Silva

O proprio Dr. Anselmo.

Maria Lucia

Sim?! Então são amigos?

Dr. Silva

Fui seu amigo. Terminámos nosssas relações no dia em que declarou-me que estava para desposal-a, fazendo n'essa occasião alarde da fortuna de V. Ex., e deixandó-me comprehender que o dote e não as virtudes que a caracterisção, o trazia apaixonado! Pareceu-me este procedimento tão feio!...

Maria Lucia

O que é que diz, Sr?!

Procopio

Oh! isto é horrivel! E' muito feio!...

Dr. Silva

Só sei fallar a verdade, ainda que seja contra mim.

— 67 —

Procopio

(*tomando uma pitada*). Lá isto é incontestavel.

Maria Lucia

O Sr. jura-o?

Dr. Silva

Juro, minha senhora, porque detesto a mentira e abomino a calumnia.

Dr. Anselmo

(*á parte*). Quanta infamia! E' o requinte do cynismo!

Procopio

A mentira e a calumnia são dous enormes peccados, contra os quaes bradão os céos! Não se admire, D. Maria. Eu já sabia de mais esta fragilidade do seu infeliz adorador! E o que lhe falta agora para comprehender que esse homem, que a não amava, tinha apenas um desejo constante, uma ambição insaciavel — o seu avultado dote?!...

Maria Lucia

Oh! meu Deus!... Quanto fui illudida!  
(*Chora*).

Procopio

(*á parte, puxando pela aba da casaca do Dr. Silva*). Aproveite o ensejo!

Dr. Silva

(*ajoelhando-se aos pés de Maria Lucia*).  
Minha senhora!

5\*

Maria Lucia

*(levantando-se).* Ah! senhor! Quem o autorisou a tanto?! Tenha a bondade de levantar-se.

Dr. Silva

Eu amo-a! Digne-se de acceitar os meus protestos!...

Procopio

*(á parte).* Como é isto bonito! Ah, meu tempo!

### Scena VI:

Os mesmos e o Dr. Anselmo.

Dr. Anselmo

*(com força).* Traidores! Miseraveis!

*(Movimento de espanto em todos. O Dr. Silva levanta-se aterrado. Procopio treme e Maria Lucia contempla o Dr. Anselmo admirada).*

Maria Lucia

Anselmo!...

Procopio

*(á parte).* Oh! estamos perdidos! D'onde sahiria elle a esta hora?!

Dr. Silva

*(ao mesmo tempo, á parte).* Estou perdido!

Dr. Anselmo

Maria! Olha para as feições do teu miseravel adorador, e verás estampados nellas os effeitos do remorso e as tintas da cobardia! Infames! (*Para o Dr. Silva*). Senhor! retracte-se já e já do que disse a meu respeito! Exijo-o! sob pena... (*Tira uma pistola do bolso e aponta-a para o Dr. Silva*).

Procopio

(*á parte, chegando-se para a porta de sahida*).  
Mau!... As cousas já estiverão melhores.

Maria Lucia

Oh! meu Deus! Anselmo! por piedade, não commettas um crime!

Dr. Anselmo

Senhor! eu não lhe dou mais um momento para resalvar-me a reputação tão vilmente maculada! Retracte-se, porque se o não fizer, eu mato-o!...

Procopio

(*a tremer*). Falle, Dr., falle!... Estas brincadeiras não são boas!...

Maria Lucia

Oh! senhor! falle, em nome de Deus! falle!

Dr. Silva

(*para Maria Lucia*). O que disse do Dr. Anselmo, minha senhora, não passa de brincadeira.

Maria Lucia

Brincadeira?!...

Procopio

Brincadeira, sim senhora, brincadeira! E então, o que tem isto?

Dr. Anselmo

(*guardando a arma*). Miseraveis! calumniadores! infames!... Não levarão a effeito o seu arrojô. (*Para Maria Lucia*). Maria, como acabaste de vér, são estes dous desgraçados os causadores unicos da nossa desunião! Suas intrigas, suas falsidades, imbuiram-te no espirito a desconfiança e o ciúme; fizeram-te injusta, severa e cruel para commigo, até o extremo de um rompimento! Era o que elles querião! Tudo foi perfeitamente preparado! Parecia-lhes que estava concluida a obra; mas a providencia divina levou-me áquelle aposento, d'onde tive occasião de apreciar até que ponto podem chegar a maledicencia e a perversidade humanas! Não tenho a menor duvida de que sou amado por ti, e para provar-t'ô, se ainda o exigires, farei o maior de todos os sacrificios que me podem ser impostos, executarei tua proposta!

Maria Lucia

(*apertando-lhe a mão*). Em lhe agradeço, Dr. Anselmo. Não devia esperar outro procedimento d'aquelle, que só por amor, por muito amor, meu coração preferio!

Procopio

(*tomando o chapéo*). D. Maria dá-nos licença? Precisamos respirar cá fóra...

Dr. Silva

(*o mesmo*). Minha senhora!...

Maria Lucia

Adeus, meus senhores! Estimei muito que fossem testemunhas oculares do desenlace de toda esta trama, tão habilmente preparada!

(*Procopio dá o braço ao Dr. Silva, e ao sahir da porta, voltando-se para cumprimentar á Maria Lucia, dá uma forte topada e sahe*).

Dr. Anselmo

Oh! que miseraveis!...

### Scena VII:

Dr. Anselmo, Maria Lucia e um creado.

Maria Lucia

(*com affabilidade*). Quer que faça entrar o comprador? Elle ainda está aqui.

Dr. Anselmo

Faze o que quizeres.

(*Maria Lucia toca uma campainha*).

Creado

(*entrando*). Prompto. \*

Maria Lucia

Dize ao Sr. Barroso que pode entrar.

(Anselmo passcia pensativo).

### Scena VIII<sup>o</sup>

Dr. Anselmo, Maria Lucia, Barroso e Ignez.

Ignez

(para o Dr. Anselmo). Meu senhor! Graças a Deus! vou ser vendida!... Isto quer dizer que meu senhor vai ser feliz...

Dr. Anselmo

(abraçando-a). Ignez!... Infeliz mulher!... Não é esta a tua vontade?

Ignez

Ah! meu senhor! O meu captiveiro nada é comparado á sua felicidade! Quero soffrer, quero viver sujeita ao mais tyranno dos senhores, comtante que veja coroados seus desejos!... (Chora).

Maria Lucia

(á parte). Como ella o ama!...

Ignez

(continuando). Não posso dizer o que sinto, mas confesso, que a dôr da morte não é maior do que esta, que eu experimento ao deixal-o!

Barroso

(*à parte*). Ora esta! Eu dispensava de bom grado a despedida!

Dr. Anselmo

Oh! Ignez! não me falles assim!...

Ignez

Não posso fallar n'outra linguagem. Bem sei que se é licito á uma escrava estimar e venerar a seu senhor; tambem é do seu dever respeitá-lo como fez. E' assim que eu o amo, meu senhor. Quero-lhe muito, porque tambem já tive um filho!... E se esse filho existisse, eu não lhe teria outro amor que não fosse o que lhe tenho dado, meu senhor.

Dr. Anselmo

Pobre Ignez! Quanto eu te lastimo!...

Barroso

Sou eu o comprador, Sr. Dr. Servem-lhe oito centos mil réis?

Dr. Anselmo

(*depois de um instante de silencio*). Servem-me, sim, senhor.

Barroso

(*à parte*). Que fiz eu!... (*Para o Dr. Anselmo*). Offereci-lhe muito, Sr. Dr. As escravas d'esta côr não valem nada. V. S. acceita seis centos mil réis?...

Dr. Anselmo

Acceito, sim senhor.

Barroso

(*á parte*). Isto é grande precisão!...  
(*Para o Dr. Anselmo*). Mas V. S. pode bem deixal-a por quinhentos... Arredonda-se melhor a conta...

Maria Lucia

Oh! isto é demais, senhor!

Dr. Anselmo

Que miseravel!

Barroso

(*tirando o dinheiro do bolso*). Sim, senhora, tem razão... A compra não é má... mas estas escravas brancas... Eu cá não gosto d'ellas. Aqui está o dinheiro.

Dr. Anselmo

(*apontando-lhe a mesa*). Ponha-o ahí.

Barroso

E, V. S. não tem outra?

Dr. Anselmo

Oh! não me incommode, Sr.! Queira retirar-se!

Barroso

Posso mandar lávvar a escriptura?

Dr. Anselmo

Quando quizer.

Ignez

*(chorando)*. Adeus, meu senhor!...

Dr. Anselmo

Ignez!... Ignez!... Oh! perdoa-me!  
perdoa-me, por tua bondade!...

*(Ignez ajoelha-se, toma a mão do Dr. Anselmo,  
beija-a e sahe precipitadamente)*.

Barroso

*(sahindo, á parte)*. E esta?! Leve-me o  
diabo, se eu os comprehendo!...

### Scena IX:

Dr. Anselmo e Maria Lucia.

Maria Lucia

*(commovida)*. Obrigada, meu amigo!...

Dr. Anselmo

*(com afflicção)*. Vendida!... Oh! Maria!  
Eu não sei o que me diz o coração!...

*(Cabe o panno)*.

---

## Acto IV<sup>o</sup>

### O casamento impossível.

Sala da casa de Maria Lucia, ricamente adornada. Martha está assentada no fundo, para um dos lados, tendo na mão um rosário e prestando attenção ás scenas. (Seu trabalho artistico deve ser muito natural e saliente).

#### Scena I<sup>a</sup>

Dr. Anselmo (só).

Dr. Anselmo

O dia de hoje é o da minha maior ventura! Vejo alfin coroados todos os meus anhelos e realizados os mais palpitantes desejos de minha alma! Vou ser feliz! Uma lembrança entristece-me, porém; o que será feito de Ignez? Pobre mulher que tanto me estimava! O que lhe terá succedido? Seis mezes são passados, e sequer um instante d'ella não me tenho podido esquecer. Ha um mysterio impene-travel na vida d'essa infeliz escrava, um mysterio bem doloroso e cruel! E quanta vez não estive quasi a suppôr que o causador dos seus desgostos era eu? Pobre Ignez!

## Scena II:

Dr. Anselmo e Maria Lucia.

*(Maria Lucia traja vestidos de noiva).*

Maria Lucia

*(rindo-se).* Pobre Ignez! Sempre Ignez!

Dr. Anselmo

*(indo-lhe ao encontro).* Maria! Oh! como estás formosa!... *(Toma-lhe a mão e beija-a).*

Maria Lucia

Não se lembrava de mim, meu caro amigo! E' quasi indesculpavel este seu esquecimento.

Dr. Anselmo

Oh, se lembrava-me!... Ser-me-ha possível esquecer-te um só instante, meu amor?

Maria Lucia

Creio que sim; por exemplo, agóra. Pensavas ainda, como sempre, em tua Ignez! Eu occupo portanto, em tua memoria um lugar bem secundario!

Dr. Anselmo

Não, não digas isto! E' uma injustiça que me fazes. Tu és a primeira pessoa da minha alma. Sim, a primeira pessoa, porque eu nunca tive mãe! Oh! Maria! não sabes

quanto sofre um coração, que jámais palpitou pela autora de seus dias! Mãe!... Nunca tive ao meu lado esse anjo de bondades!... Fui criado, é verdade, por uma senhora, que desvelou-se por mim, mas que não era minha mãe! Não me chamava seu filho! Não me aquecia em seu seio! Não sorria para mim! Não chorava em minhas mágoas, nem se alegrava em meus prazeres! Era uma mulher assalariada, que me criava em seus braços movida pelo interesse! Quando cheguei ao uso da razão procurei por minha mãe. Quiz que fosse d'ella o meu primeiro amor, mas o que quer que fosse de mysterioso e impenetravel, fez-me consideral-a morta! Oh! minha mãe! Como eu havia de adoral-a se a tivesse!

Maria Lucia

Oh! é extraordinario!...

Dr. Anselmo

Cresci, perguntei por meu pae. O mesmo silencio! Até que tive a felicidade de ver-te! Tinha então muito amor para offertar-te! Amor de filho, amor de homem, amor inextinguivel, Maria! (Pausa). Fallaste-me em Ignez, porque me ouviste pronunciar o seu nome, não é assim? Pois bem. Queres que eu te diga a verdade? Eu estimava e ainda estimo essa mulher, porque os seus desvelos para commigo tocavão aos extremos de mãe! Não era uma escrava que eu tinha, era uma companheira honrada e amorosa, uma alma bemfaseja e de-

dicada! Uma vez... oh! nunca mais me esquecerei! Eu a ouvi chamar-me de seu filho!

Maria Lucia

Sim?! Seu filho?!

Dr. Anselmo

E este nome veio pousar tão docemente em meu espirito, que difficilmente procurei convencer-me de não ter sido pronunziado por minha mãe!

Maria Lucia

E julgas acaso que és seu filho?

Dr. Anselmo

Oh! não! São impressões que accommettem os espiritos como o meu, que procurão a cada passo e em todos os lugares, um ente, que nunca se suppõe perdido! Parece que Ignez comprehendera simplesmente que eu não havia tido mãe! E, oh! fatalidade! embalde tenho procurado por toda parte descobrir essa escrava infeliz. Era meu plano libertal-a!

Maria Lucia

Sim?! E não a encostraste?

Dr. Anselmo

Em parte alguma! Sei que o Barroso vendeu-a, mas não me quer dizer, por cousa alguma, quem é seu novo\* senhor!

Maria Lucia

(apontando para Martha). Vês aquella  
pobre velha que ali está?

Dr. Anselmo

Sim, vejo, está sempre a rezar!

Maria Lucia

Tem quasi noventa annos. Foi escrava  
de meu avô e chama-se Martha. Coitadinha!  
Parece que já está caducando. Perdeu o se-  
nhor, que deixou-a liberta; vio morrer meus  
pais: vio ainda expirar um filho, e teve uma  
filha, que chamava-se Ignez, e que ha muitos  
annos não vê...

Dr. Anselmo

Ignez! E o que é feito d'ella?

Maria Lucia

Dizão meus paes que fôra vendida por  
uma fatalidade e supponho que já não existe.  
Mas a velha Martha não crê; falla a todos os  
instantes n'essa filha: faz promessas a Santo  
Antonio e diz que não morrerá sem vê-la.

(Dr. Anselmo conserva-se pensativo).

Maria Lucia

O que é isto? Estás pensativo!

Dr. Anselmo

Não. Estou de véras penalizado. Pobre  
velha! E tem muita razão, Maria. Compre-

hendo que o amor de mãe deve ser assim. Minha mãe, se eu a tivesse, não me estimaria menos. Espera, vou fallar-lhe na filha.

Maria Lucia

Oh! não faças isto! Não lhe provoques as lagrimas.

### Scena III\*

Os mesmos e Procopio.

Procopio

(*entrando*). Dão licença?

Dr. Anselmo

Oh! O Sr. Procopio!

Maria Lucia

(*á parte*). Este homem!... é mau presagio!

Procopio

Tem razão, tem razão, o caso não é para menos. Minha presença por aqui, no dia de hoje, e sem ter sido convidado, deve causar-lhes surpresa. (*Para Maria Lucia*). Mas como tenho para mim que não fui despedido por V. Ex., e que fui sempre o mais fiel amigo de seu pai...

Maria Lucia

Seguramente, e até certo ponto folgo muito por vê-lo hoje aqui.\*

Procopio

Muito obrigado... muito obrigado. Mas o meu negocio, d'esta feita, é com o Sr. Dr. Anselmo, se V. Ex. permittir.

Maria Lucia

Não é das melhores a noticia; nem tão facil de ser satisfeito o seu pedido. O Sr. é um homem perigoso!

Dr. Anselmo

Eu lhe agradeço, Sr. Procopio. Prescindo de tudo quanto pretenda dizer-me.

Procopio

Oh! Sr. Dr.! Minha senhora! não me fação tão cruel!... (*Para Maria Lucia*). Supponha V. Ex., que é um segredo particular...

Maria Lucia

Então é segredo?! Tanto peor!...

Procopio

(*rindo-se*). E' sim senhora, é um segredo.

Dr. ~~Silva~~ Anselmo

(*á parte*). O que pretenderá dizer-me este homem?

Maria Lucia

Hade convir commigo que os segredos com o Sr. Dr. Anselmo, podem e devem ser ouvidos por mim. D'aqui a alguns instantes...

Procopio

Bem sei... será V. Ex. esposa do Sr. Dr. Anselmo, e então...

Maria Lucia

E então?...

Procopio

Não haverão segredos entre o Sr. Dr. e V. Ex.

Maria Lucia

Bem o entendo. Pois estejam a gosto, eu não os embaraço. *(Para o Dr. Anselmo, á parte)*. Previne-te, e escuta-o. *(Para Procopio)*. Veja lá, Sr. Procopio, não queira fazer ao Dr. Anselmo o mesmo que fez a mim! Se houvesse mudança de scenas!...

Procopio

Oh! Ave-Maria! Nem pensar n'isto é bom, minha senhora!

*(Maria Lucia sahe).*

#### Scena IV:

Dr. Anselmo e Procopio.

*(O Dr. Anselmo assenta-se no sofá, com indifferença).*

Procopio

Ora muito bem! Até que afinal, tive occasião de fallar ao Sr. Dr.!

Dr. Anselmo

Procurou-me alguma vez, Sr. Procopio?

Procopio

Não, senhor.

Dr. Anselmo

Ah!...

Procopio

(*tomando uma pitada*). V. S. quer noticias de sua escrava Ignez?

Dr. Anselmo

(*levantando-se*). O Sr. sabe onde ella está?

Procopio

Desde de que vendeu-a. Seu actual senhor dá-lhe um tratamento menos mau, tem n'a em conta de uma escrava honesta, e não quer por cousa alguma que a vejão fóra de casa.

Dr. Anselmo

Sim?! Quem é elle?

Procopio

Este seu creado, Sr. Dr.

Dr. Anselmo

O senhor?! Oh! isto é extraordinario!

Procopio

Não se admire. Comprei-a ao Barroso, por um conto e duzentos! (Cenhor cento por

cento o tal tratante! Precisava d'essa escrava. Tinha sobre ella uma certa curiosidade, que me convinha satisfazer, e, com effeito, agora estou socegado.

Dr. Anselmo

O Sr. desperta-me os sentimentos, torna-me tambem curioso! O que era, Sr. Procopio?

Procopio

D'aqui a instantes saberá. Por emquanto basta que lhe diga, que estou demasiadamente arrependido das afflicções que lhe causei. Acredite-me, Sr. Dr., nunca tal cousa me passaria pela vontade, a despeito do que vai saber, a não serem as instancias d'aquelle meu celebre amigo Dr. Silva!... Já lhe dei os agradecimentos.

Dr. Anselmo

O Sr. assusta-me! Como sabe, eu estimava muito essa escrava; e tal era sua affeição para commigo, que por muita vez pareceu-me vel-a chorar, em horas mortas da noite, pronunciando o meu nome!

Procopio

Ainda hoje o faz! Mas o amor que lhe tem ella!... Oh! é um amor tão natural! tão puro! tão sincero, Sr. Dr.!...

Dr. Anselmo

Pobre Ignez! Foi sempre assim! E o Sr. bem concorreu para seu martyrio!

Procopio

Perdão, Sr. Dr., V. S. engana-se. Depois das instancias do Dr. Silva, a primeira culpada foi Ignez.

Dr. Anselmo

Ignez?! Como assim?

Procopio

(*tirando uma carta do bolso*). Faça o favor, leia esta carta.

Dr. Anselmo

(*lendo*). „Meu senhor Procopio. — Acabo de saber, que meu senhor Dr. Anselmo ama loucamente á D. Maria Lucia e que já pedio-a em casamento. Ninguem mais do que eu deseja a felicidade de meu senhor; mas ha uma causa occulta, que só eu sei, pela qual posso lhe affirmar que este casamento é impossivel! (*Interrompendo a leitura*). Impossivel?!... O meu casamento impossivel!... (*Prosegue na leitura*). Não tenho animo de dizel-o a meu senhor, porque sei que ama apaixonadamente essa senhora, e temo vel-o soffrer e soffrer muito! Mas espero que Vme. que tem relações antigas de amisade com D. Maria Lucia, a dissuadirá de semelhante passo. — Sua escrava, Ignez. (*Entrega-lhe a carta*). Oh! isto é extraordinario!... Falle, Sr. Procopio, diga-me, que mysterio é este?!...

Procopio

Assim pareceu-me sempre. Meu eu tra-

duzia a cousa por outra forma. Suppunha que Ignez o amava, e que só o ciúme e a paixão a levava á este extremo! Enganei-me, Sr. Dr. . . . Agora, leia V. S. mais esta outra. *(Entrega-lhe segunda carta).*

Dr. Anselmo

*(lendo).* „Meu senhor Procopio. — Sei do que Vme. tem feito para desmanchar o casamento de meu senhor Dr. Anselmo, conforme lhe pedi: mas comprehendo que isto é impossivel realisar-se, sem a morte de meu senhor! Oh! pois se elle a ama tanto! Sim, muito, porque eu o vejo! Chóra, não dorme durante as noites, não come, tem febre constantemente, em uma palavra, seu soffrimento é horrivel! E eu sou a causadora de tudo isto! Hoje estou compromettidissima, e não me é possivel continuar em sua companhia! Hei de ser vendida! . . . E então, casem-se ambora; porque eu guardarei eternamente o meu segredo.“ *(Entregando-lhe a carta).* Que segredo é este, Sr. Procopio?! O Sr. sabe-o?! . . .

Procopio

Obtive-o hontem, mas não sem muito trabalho!

Dr. Anselmo

Oh! por favor, conte-me! Ponha-me a par d'este mysterio! Realise, embora os meus presentimentos: porque eu não sei o que me disse o coração no momento fatal em que apartei-me de Ignez! . . . ?

Procopio

A seu tempo, Sr. Dr.; a seu tempo. Sei que casa-se d'aqui a poucos instantes, queria que me permittisse licença para assistir a esse acto...

Dr. Anselmo

Pois não?... Depois do que acabo de saber, não posso deixar de esquecer o passado... Só lhe peço, que...

Procopio

Oh! não precisa... Deixe estar que saberá muito breve...

Maria Lucia

*(entrando)*. O que?

Procopio

Que V. Ex. hade ser tão amabillissima esposa, quão carinhosa irmã...

*(Procopio retira-se)*.

### Scena V<sup>a</sup>

Dr. Anselmo e Maria Lucia.

Maria Lucia

Os nossos convidados já estão presentes. Não achas bom que os traga para cá, meu amigo?

*(O Dr. Anselmo conserva-se triste e abstracto)*.

Maria Lucia

(continuando). Então, o que é isto?!  
Estás triste?!

Dr. Anselmo

Não. São momentos de abstracção! Tens  
razão, deves trazer para cá os convidados. E  
o padre?

Maria Lucia

Tambem já veio. Passeia no jardim.

Dr. Anselmo.

Esperemos pelo Sr. Procopio. Parece-me  
que foi tomar a casaca.

Maria Lucia

Ah! é verdade. Que negocio tinha elle  
contigo?

Dr. Anselmo

Uma justificação do seu procedimento e  
nada mais.

Maria Lucia

Pois para isto?! E o julgas justificado?

Dr. Anselmo

Em demasia.

Maria Lucia

Como?

Dr. Anselmo

E' uma historia muito longa. Far-te-hei  
sciente d'ella amanhã.

Maria Lucia  
Não será nova trama?

Dr. Anselmo  
Não creio.

Maria Lucia  
E o Dr. Silva?

Dr. Anselmo  
E' um dos culpados, mas não foi o primeiro.

Maria Lucia  
Então, quem foi o primeiro?

Dr. Anselmo  
Ignez.

Maria Lucia  
Ignez?!

Dr. Anselmo  
Assim provou!

Maria Lucia  
De que maneira?

Dr. Anselmo  
Oppondo--se ao nosso casamento.

Maria Lucia  
Com que pretexto?

Dr. Anselmo  
E' um segredo.

Maria Lucia

E o Sr. Procopio não revelou-o?!

Dr. Anselmo

Prometteu fazel-o.

Maria Lucia

E isto basta-te?!

Dr. Anselmo

Satisfaz-me. Não quiz ser exigente, mesmo porque temo o descobrimento da verdade! Se os meus presentimentos se realizarem!...

Maria Lucia

E o que presentes, meu amigo?

Dr. Anselmo

Um prazer e uma desgraça!

Maria Lucia

Oh! isto é incomprehensivel! explica-te!

Dr. Anselmo

E' impossivel! Não saberia por onde devesse principiar!... Se o meu coração pudesse fallar!... Parece-me que o unico interesse é d'elle!

Maria Lucia

Oh! este homem! este homem! Eu já o previa!... Não sei que interesse tem o Sr. Procopio em conspirar contra nós! Está bem,

meu amigo, fica por alguns momentos em tuas considerações. Eu já volto. Vou buscar os convidados.

(*Sabe*).

## Scena VI<sup>a</sup>

Dr. Anselmo (*só*).

Dr. Anselmo

O que terá para dizer-me esse homem? Aquellas duas cartas moveram-lhe a curiosidade ao ponto de comprar a escrava!... Ignéz em sua companhia, impossibilitada de sair e elle de posse de seu segredo!... O meu casamento impossivel! E porque? Ah! tudo são duvidas! suspeitas infundadas! Mas Ignéz soffria e ainda soffre! Ama-me ao extremo de o revelar, e guardava sempre occulto um sentimento que a fazia verter lagrimas! Quantas vezes não a surprehendi lacrimosa, sem que me quizesse confessar ao certo os motivos do seu constante desgosto! Se lhe fallava em Maria, corava e abaixava os olhos. Se pronunciava o nome de Lucio, tremia e desmaiava! Oh! aqui ha grande mysterio, e diz-me o coração que não está longe o momento de sabel-o!...

## Scena VII:

Dr. Anselmo, Maria Lucia, Martha e convidados.

*(As damas e os cavalheiros ao entrarem dirigem-se ao Dr. Anselmo e comprimentam-n'o, assentando-se em seguida. Maria Lucia fica no sofá ao lado direito do Dr. Anselmo).*

Dr. Anselmo

Esperemos alguns instantes, meus senhores. Ha um convidado que não tardará muito tempo.

*(Silencio por instantes).*

## Scena VIII:

Os mesmos e Procopio.

Procopio

*(entrando).* Parece que só esperavão por mim! Já lá vi o reverendo de joelhos. *(Para os convidados).* Meus senhores, boa tarde.

Dr. Anselmo

*(levantando-se e dando o braço a Maria Lucia).* Visto que o Sr. acaba de chegar, convido ás excellentissimas senhoras e a meus amigos para assistirem ao acto do meu casamento. *(Levantão-se todos, menos Martha. Os noivos tomão a frente e dão poucos passos para o fundo, do lado em que está a velha Martha.)*

## Scena IX:

Os mesmos e Ignez.

(Ignez traz um véo negro, cobrindo-lhe completamente o rosto e traja de preto).

Ignez

(entrando, e com força). Parai, senhores!!  
Este casamento é impossivel! (Recuão todos para os lados, deixando o meio da sala á recém-chegada e de maneira que Martha fique bem visivel dos espectadores).

Dr. Anselmo

Impossivel?!

Maria Lucia

(ao mesmo tempo). Impossivel?! Porque?

Ignez

Sim, impossivel!

Maria Lucia

Quem és tu?!

(Ignez levanta o véo).

Dr. Anselmo

Oh!... Ignez!...

Maria Lucia

(ao mesmo tempo). Ignez!

(Martha, ao ouvir pronunciar o nome de Ignez, ergue-se tremula, deixa cahir o rosario das mãos, chega-se para o meio da sala e encara estupefactiva para Ignez).

Martha

(*abrindo-lhe os braços*). Oh!... tu és Ignez?!  
Minha filha!...

Ignez

Oh!... Minha querida mãe! (*Abraço-se*).

Dr. Anselmo

(*depois de pequena pausa*). Disseste que o  
meu casamento é impossível! E porque?  
(*Ignez, desprendendo-se dos braços de Martha e  
dando dous passos para os noivos*).

Ignez

Porque? Oh! não ha remedio senão di-  
zel-o! Porque ambos vós sois filhos de Lucio  
de Novaes!...

Dr. Anselmo

Ah!!

Maria Lucia

(*para o Dr. Anselmo*). Meu irmão!

(*Abraço-se tristemente*).

Dr. Anselmo

(*voltando-se para Ignez*). E tu, quem és,  
que de tudo isto sabes?!

Ignez

(*ajoelhando-se aos pés do Dr. Anselmo*).  
Eu?... Oh!... perdão!... Eu sou tua mãe!...  
(*Dr. Anselmo dá-lhe a mão e levanta-a. Enca-  
rão-se por instantes*).

Dr. Anselmo

(*abraçando Ignez e chorando*). Oh! minha  
mãe!!...

Procopio

(*entregando um papel á Ignez*). Eis a certidão de tua liberdade! Foste alforriada por teu pai, o meu amigo José Gregorio, no acto do teu baptismo. Só a fatalidade poderia fazer-te escrava!

Ignez

(*recebendo o papel*). Obrigada, meu Deus! Finalmente, não terei mais de corar na presença de meu filho!

Dr. Anselmo

(*dando a mão direita á Maria Lucia e a esquerda á Ignez*). Sim, minha mãe, porque eu calcarei aos pés os preconceitos sociaes, para idolatrar eternamente a escrava branca que me deu ser! Pugnarei hoje mais do que nunca para que em breve repercuta por todos os angulos de minha patria este brado victorioso: Viva a santa causa da abolição dos escravos!

Todos

Viva!

## APOTHEOSE.

Razga-se o panno do fundo e representa-se o seguinte quadro vivo e luminoso: O culto do visconde do Rio Branco, suspendendo o distico: Lei de 28 de Setembro de 1871. Um anjo põe-lhe uma corôa de louros sobre a fronte.

Toca o hymno nacional e cahe o panno.